

## “Novo” sindicalismo e memória: a CUT e a construção de sua identidade política

RAPHAELA ALMEIDA \*

### Introdução

Quando, no final da década de 1970, o movimento sindical reapareceu na cena política brasileira com grande ímpeto combativo e forte clima de mobilização, os líderes desse movimento se auto-intitularam o “novo sindicalismo”, feito por quadros “combativos”, que pregavam a conquista da autonomia, negando as práticas sindicais desenvolvidas até aquele momento e que haviam sido inauguradas durante o primeiro governo Vargas<sup>1</sup>.

A Central Única dos Trabalhadores – entidade sindical surgida no início da década de 1980 – tem sua formação relacionada a uma intensa disputa observada no cenário sindical, entre grupos que apresentavam projetos distintos para a unificação do movimento operário, pretendida naquele momento.

Essa cisão no tocante a concepção que nortearia a formação de uma Central Sindical que unificasse e organizasse as lutas dos trabalhadores brasileiros, ficou evidente durante a I Conferência da Classe Trabalhadora, chamada de CONCLAT<sup>2</sup>, realizada em 1981.

A despeito do conflito entre as vertentes que disputaram a hegemonia no campo sindical, a Central Única dos Trabalhadores foi fundada em 1983, num Congresso realizado em São Bernardo do Campo, que deveria ter sido a II CONCLAT. No entanto, como os representantes das correntes sindicais que divergiam daqueles que

---

\* Mestranda em História Social do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

<sup>1</sup> Essa generalização é feita com base nas considerações de Jorge Ferreira, que acredita que as periodizações tradicionais sobre o período não são mencionadas pelos trabalhadores do período, para quem as mudanças de governo provisório para constitucional, ou ainda de governo constitucional para o estado Novo não representou nenhuma descontinuidade. In: FERREIRA, Jorge. Os trabalhadores do Brasil – A cultura popular no Primeiro Governo Vargas (1930-1945). Dissertação de mestrado.

<sup>2</sup> A sigla CONCLAT apareceu pela primeira vez quando os sindicalistas pressionaram pela organização da I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora, uma denominação análoga a Conferência Nacional das Classes Produtoras (CONCAP – realizado em 1979). A fundação da CUT ocorreu em 1983, no I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, com sigla idêntica. Esse evento também é chamado por muitos autores de II CONCLAT.

participavam da Comissão Pró-CUT não compareceram a este, a CUT foi fundada sem sua participação<sup>3</sup>.

Assinalar o contexto de disputa entre vertentes sindicais divergentes denota uma intenção muito clara de considerar esta disputa pela hegemonia, como um fator relevante a construção do discurso político cutista.

Foi a propósito da construção de si mesma que a CUT empreendeu elaborações mnemônicas sobre a história do movimento operário brasileiro. Foi tentando compreender o seu papel e justificá-lo diante daqueles que apoiavam a sua existência, que esta entidade buscou na história, os meios para tal ação.

Que outra disciplina poderia servir melhor a este propósito? Que outro instrumento poderia se transformar numa fonte tão rica elementos legitimadores de idéias e ações? Foi por conta deste anseio que esses atores sociais se esforçaram nesse exercício de memória.

Afinal, como disse Pollak, a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar e se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, partidos, sindicatos, e até mesmo nações<sup>4</sup>.

### **O “velho” e o “novo” sindicalismo em confronto: entre memória e identidade**

O contexto de fundação da CUT e sua primeira década de atuação estão intrinsecamente ligados a uma disputa política entre vertentes sindicais distintas que atuavam no interior da CUT na década de 1980. Essas disputas estão ligadas a construção de uma imagem que a nova Central deveria passar aos trabalhadores brasileiros. Foi nesse contexto de legitimação e de disputas internas dentro da CUT que a memória entrará em cena como um elemento constitutivo dos discursos políticos.

---

<sup>3</sup> Apesar de os membros da Comissão Pró-CUT terem sido votados na I CONCLAT, os representantes da Unidade Sindical não compareceram ao Congresso Fundador da entidade, o que demonstra que o projeto de empreendimento de unidade do movimento operário não pôde ser realizado.

<sup>4</sup> In: POLLAK, Michael. “Memória Esquecimento e Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

As bases da construção de um discurso político que negativiza o sindicalismo liderado por pessoas ligadas ao PCB e ao PTB devem ser encontradas nos movimentos grevistas que assolaram o ABC paulista no final da década de 1970. Esse movimento é, indiscutivelmente, o marco inicial do discurso daqueles que viram no sindicalismo cutista uma nova forma de expressar as demandas operárias.

Durante o Regime Civil-Militar as organizações sindicais sofreram com uma pesada repressão por parte do governo, que não se privou de utilizar os mecanismos restritivos previstos pela CLT. Por conta disso, as mobilizações operárias tiveram que se adequar às novas necessidades.

Essa situação foi enfrentada através de pequenas mobilizações contra demissões, operações tartaruga e pequenas paralizações, movimentos cujas iniciativas estavam ligadas a uma organização extremamente localizada dos trabalhadores<sup>5</sup>.

Outra característica dessa estratégia foi a necessidade que aquele momento específico trouxe aos sindicatos de relacionar a luta sindical ao cotidiano do trabalhador. O embrião para o surgimento de uma concepção sindical que defendia o resgate das boas condições de trabalho e de uma vida digna estaria relacionado a essas circunstâncias. Acredito ser exatamente esta conexão entre luta sindical e realidade cotidiana do trabalhador o fator que possibilitou uma leitura política que imaginasse esse sindicalismo como algo construído pelas bases e, principalmente, como algo “novo”.

Dentre as visões políticas que vão produzir a identidade da CUT na década de 1980, é interessante notar que se apontava para uma identidade que definiria uma nova atuação sindical ligado a defesa dos verdadeiros interesses da classe trabalhadora, que teriam deixado de ser defendidos a partir da Era Vargas, o resgate de um perfil revolucionário da classe trabalhadora, outra característica perdida durante a Era Vargas e uma ruptura total com as antigas formas de atuação sindical<sup>6</sup>. Esse perfil

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e Política. A trajetória da CUT*. Editora Scritta. São Paulo, 1997.

<sup>6</sup> Segundo Angela de Castro Gomes, essa leitura está relacionada à visão de que a intervenção estatal teria produzido uma identidade alheia à classe operária, gerando ainda uma classe trabalhadora com uma atuação política condenada a vínculos com lideranças externas a ela. Tal situação teria provocado a subordinação da classe operária brasileira a interesses que não os seus e impossibilitaria, ainda, a impulsão própria da mesma. Para problematizar essa visão, a autora recorre às idéias de Thompson, para quem uma classe existe quando um grupo de homens compartilha experiências comuns, apreendendo essas experiências em termos políticos e culturais e materializando-as em tradições e

revolucionário era encontrado, sobretudo, nas décadas de 1910 e 1920 do século XX, quando, imaginava-se, a classe trabalhadora era mais atuante, mais organizada e mais consciente, além de independente das ações do Estado.

Nota-se que a construção da memória do Movimento Operário Brasileiro segue dois caminhos distintos: a negativização do período situado entre 1930 e 1964 e a idealização do período anterior a Era Vargas, vista como um período em que os caminhos adotados pelo movimento eram os corretos.

Martinho demonstra que muitos historiadores já criticaram essa idéia de que a Primeira República fora um período de um sindicalismo mais aguerrido e consciente ideologicamente. Essa idéia teria servido para desqualificar o comportamento dos trabalhadores no pós 1930, por se centrar na visão de que antes de 1930 tínhamos um proletariado consciente, oriundo da Europa, com larga trajetória de lutas e que a Era Vargas teria representado uma descontinuidade, uma vez que se caracterizaria pela ação de um operariado recém chegado do campo e alheio a tradição de lutas e contestações<sup>7</sup>.

Segundo Pollak, quando as narrativas se voltam para elementos, que em certo ponto do discurso, se tornam invariantes, isso indica que aquele elemento foi tão importante para o processo de solidificação da memória, que isso impossibilita a ocorrência de mudanças.

É preciso, nesse caso, entender a memória como um elemento constitutivo da identidade política ou social de um indivíduo ou de um grupo. Pollak, tomando o conceito de identidade social no seu sentido mais superficial, ou seja, a identidade como uma imagem formada de si, para si e para o outro, nos mostra que a identidade e a Memória são elementos negociáveis e que esta característica está intrinsecamente atrelada ao outro.

Se a memória se produz como parte de uma imagem que a representação que um grupo quer ter de si mesmo, essa imagem não se produz sem uma referência ao outro. A

---

sistemas de valores. É através desse processo – segundo Thompson – que se constrói uma identidade coletiva que leva uma classe a se distinguir de outra, de acordo com seus interesses e não através de ingerências externas que se limitam à defesa de interesses abstratos que não pertenceriam a classe trabalhadora.

<sup>7</sup> In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. “Trabalho e Identidade Nacional”. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 1-2, p. 137-158, jan/dez 2006. p. 140.

construção da identidade se daria de acordo com os critérios de aceitabilidade e de credibilidade que surgem de acordo com a relação com o outro<sup>8</sup>.

A quem essa imagem que a CUT procurava construir de si mesma poderia interessar? Tratava-se de uma identidade construída com dois propósitos que podemos considerar como básicos: o de atrair o apoio do operariado brasileiro e demonstrar sua autenticidade e eficiência diante de outras organizações sindicais.

Os exercícios de memória, não raramente, estão ligados a construção de uma imagem comum que determinado grupo social ou organizações políticas, como partidos e sindicatos, querem construir de si. Sendo a memória um dispositivo de interpretação do passado comum de um grupo, ou ainda, um ponto de partida para uma imagem que se pretende construir do mesmo, vamos analisar a memória do movimento operário brasileiro construída pelos debates e discursos da CUT, bem como seus projetos de luta e atuação.

### **A Central Única dos Trabalhadores e a memória do “velho” sindicalismo**

A Central Única dos Trabalhadores imaginava-se representante de um “novo sindicalismo”, um movimento formado por sindicalistas “puros”, trabalhadores genuínos, a partir das lutas da base por eles organizadas. Entrava em cena uma distinção em relação ao passado do sindicalismo brasileiro que se pautava na idéia de existência de uma classe trabalhadora jovem, nova no tempo e no espaço e, sendo assim, livre das “fraquezas” dos velhos operário que, por livre e espontânea vontade ou por influencia do PCB aceitaram o “pacto populista”.<sup>9</sup>

A nova Central traz a tona concepções sobre o passado do movimento operário, que se baseia na depreciação das ações sindicais empreendidas no período situado entre 1930 a 1964, considerado o momento em que proletariado sucumbiu às ingerências do

---

<sup>8</sup> Idem, p.204.

<sup>9</sup> SANTANA, Marco Aurélio. Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº 41. ANPOCS, 1999.

Estado varguista, fato que tornou a ação sindical em algo não compatível com os verdadeiros anseios da classe trabalhadora<sup>10</sup>.

A perspectiva que se adotava era a de que a burguesia, aliada ao Estado Populista, conseguiu criar amarras às quais o operariado ficou preso por muito tempo. Sem uma representação genuína e sem nenhuma impulsão própria, os trabalhadores sucumbiram aos “agrados”<sup>11</sup> que o Estado lhes oferecia em troca de obediência política.

Essa situação não foi, de forma alguma, notada pelos operários graças a atuação das lideranças sindicais. Estas ligadas a partidos que tradicionalmente se ligavam aos sindicatos, o PCB e o PTB, estariam de acordo com a barganha que se estabeleceria entre o governo e os sindicatos, com a intenção de deixar as classes dominantes satisfeitas com a docilidade dos trabalhadores.

A CUT se considerava representante de um novo formato de atuação sindical. O perfil de organização da Central que era organizada pelas bases, ou seja, em contato direto com as demandas e necessidades dos trabalhadores, demarcaria uma inegável distinção entre um “novo” e um “velho” sindicalismo.

Sindicato pelego, atrelado ao Estado, não representante dos interesses da classe trabalhadora. Essas seriam características principais daquilo que os cutistas entendiam ser o “velho sindicalismo”. Características que deveriam ser combatidas, esquecidas, superadas. Lembrar do velho passou a representar a busca por algo que deveria ser corrigido. Um exemplo a não ser seguido.

Segundo o discurso da CUT o seu surgimento teve como objetivo declarado a ruptura com a estrutura sindical oficial e a construção de uma nova espécie de organização pela própria classe operária, rompendo logo de cara com o verticalismo que assolava os trabalhadores em suas categorias. A CUT teria surgido, em contraposição ao “velho” sindicalismo, como um espaço de organização sindical e ação política de seus trabalhadores da cidade e do campo, uma organização capaz de aglutinar camponeses,

---

<sup>10</sup> Essas considerações fazem parte da minha monografia de final de curso apresentada na Universidade Federal Fluminense em julho de 2009 com título “A Central Única dos Trabalhadores: do ‘novo’ sindicalismo à política de ‘negociação conflitiva’”.

<sup>11</sup> As aspas são para mostrar que esta idéia de que as ações do Governo Vargas referentes a causa trabalhista são encaradas dessa forma, ou seja, como agrados, pela CUT e não pela autora deste texto.

operários, servidores públicos, enfim, sua existência tinha como sentido primordial unificar as lutas operárias no Brasil<sup>12</sup>.

A construção da CUT seguia na contramão do corporativismo – representado pelos sindicatos trabalhistas – que dividia e isolava os trabalhadores para a construção de uma forma de governo e de dominação, que nega a democracia<sup>13</sup>.

A construção da memória do movimento operário brasileiro no interior da CUT não se dirige apenas à história do movimento operário brasileiro. Ela se direciona também a história política recente do nosso país, que segundo os cutistas, pode revelar fatores importantes que propiciaram a criação desta estrutura sindical.

Podemos dizer que o discurso de criação da CUT, que rejeitava taxativamente a estrutura sindical ligada ao trabalhismo estava ligado à questão da unidade do movimento trabalhista, pois imaginava-se que um movimento tão expressivo, quanto o que foi iniciado com as greves do ABC paulista, teria força muito maior se fosse unificado<sup>14</sup>. É a partir dessas considerações que se tentará compreender porque a referida organização insistiria na idéia de “novo”, haja vista que todo processo de legitimação se dá em relação a algo que existia antes<sup>15</sup>.

Seria frente a um sindicalismo dito reformista e identificado com “práticas paternalistas de um Estado populista”, que o Novo Sindicalismo se impunha como um movimento expressivo, organizado pelas bases e por isso autêntico<sup>16</sup>. Surgia um movimento inovador, que nenhuma relação tinha com as estruturas que o antecederam.

O sindicalismo anterior às greves do ABC possuía uma prática que atrapalhava o desenvolvimento da luta dos trabalhadores brasileiros na reivindicação de seus direitos, por atuar através de uma orientação voltada para a colaboração de classes<sup>17</sup>. É dessa forma que os “velhos sindicalistas” seriam lembrados por aqueles que estavam

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, José Olívio Miranda. Estrutura Sindical imposta e construção da CUT. Continuidade e ruptura num processo de transição. Publicação da Articulação Sindical, sem indicação de data.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> SANTANA, Marc Aurelio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (organização). *O Brasil Republicano. Vol 4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 289.

<sup>15</sup> Idem, p. 291.

<sup>16</sup> Ibidem. p.2.

<sup>17</sup> SANTANA, Op.Cit. p.3.

dispostos a engendrar a construção de um movimento inovador, do ponto de vista da organização operária.

### **Considerações Finais**

Quando, no final da década de 1970, o movimento sindical reapareceu na cena política brasileira com grande ímpeto combativo e forte clima de mobilização, os líderes desse movimento acreditaram que era a hora de inaugurar uma nova era na história operária brasileira.

Para aqueles que se dedicaram a fundação da CUT era preciso romper com as práticas sindicais existentes até aquele momento para que a classe operária avançasse em sua luta. A implementação da CLT pelo Estado varguista era considerada um entrave na organização histórica da luta operária. Uma tradição a ser derrotada. Contra ela a força de um movimento novo, moderno, se levantava.

Buscando dar ímpeto a esse movimento modernizador, o “novo sindicalismo” afirma a sua identidade confrontando diretamente seu antecessor. Num momento de grande mobilização operária, a combatividade e a “ação” eram quase que necessidades imperativas. O “velho sindicalismo” era visto como conciliador, colaboracionista e colecionador de uma série de decisões equivocadas que em muito pouco ou em quase nada atenderam aos interesses dos trabalhadores.

Nesse sentido a CUT recorreu à memória, essa mediadora entre a tradição e a modernidade<sup>18</sup>, uma vez que através da leitura do passado gera os argumentos necessários para que os atores sociais consigam se engajar no projeto de modernização compartilhado.

O que podemos dizer, sem sombra de dúvida, é que a auto-imagem construída pela CUT de um sindicalismo independente feito e construído pelas suas bases, ou seja, pelos próprios trabalhadores, pode não ter significado uma modernidade tamanha que permitisse que seus correligionários se distanciassem tanto da antiga tradição sindical radicada na década de 1930.

Não precisamos com isso entender este movimento e sua leitura política como algo equivocado, pois como disse Marshall Berman, “as tradições podem nutrir e enriquecer

---

<sup>18</sup> Trata-se de uma consideração de Johannes Fabian.



a modernidade ou empobrecer e obscurecer nossa noção do que possa vir a ser modernidade”.

As avaliações cutistas a cerca de sua trajetória partem da necessidade de legitimação das próprias ações inerente a qualquer movimento social. Se num momento a negação do passado foi necessária para dar impulso a um período de ferrenha mobilização, atualmente, frente a uma conjuntura que exige uma postura menos agressiva, é imprescindível que a CUT se relacione com seu passado de forma crítica.

Nesse caso a CUT não deve utilizar essa crítica num sentido de justificar somente suas novas ações, mas também num sentido de ampliar sua visão sobre o próprio passado, que é também o passado e a História do Movimento Operário Brasileiro.

### **Bibliografia**

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: LEACH, Edmund e ALII. *Antropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In: *O Brasil Republicano vol 1. O tempo do Liberalismo Excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (organizadores). Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2006.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. Companhia das Letras. São Paulo, 2001.

COSTA, Hélio. O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (orgs). *As esquerdas no Brasil vol. 3. Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

FABIAN, Johannes. Memórias da memória: uma história antropológica. In: REIS, Daniel Aarão, MATTOS, Hebe, OLIVEIRA, João Pacheco de, Luis Edmundo de Souza, MORAES e RIDENTI, Marcelo. *Tradições & Modernidades*. FGV Editora. Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, Jorge. “A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas”. In: *Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular (1930-45)*. Fundação Getúlio Vargas Editora. Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: Idem. (organizador) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. “POLÍTICA: história, ciência, cultura etc”. Texto escrito para a prova de aula no concurso público para professor titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense, realizado em 14 de dezembro de 1995.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. “Estado Novo, Ditadura Militar, Corporativismo e Identidade Nacional”. Trabalho apresentado no IX Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA), realizado na Tulane University, New Orleans/Louisiana em março de 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró (coord.) *Greves e repressão policial ao sindicalismo carioca (1945-1064)*. Rio de Janeiro: Aperj/Faperj, 2003.

\_\_\_\_\_. *Novos e Velhos Sindicalismos. Rio de Janeiro (1955/1988)*. Rio de Janeiro: Vício de leitura, 1998.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

REIS, Daniel Aarão. “A maldição do populismo”. *Linha direta*, São Paulo, n. 330, set. 1997.

\_\_\_\_\_. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In: Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Motta (orgs). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política. A trajetória da CUT*. São Paulo. Scritta Editora, 1997.

SANTANA, Marco Aurélio. “As centrais sindicais brasileiras e a reestruturação produtiva: análises e propostas. *Sociologias*, UFRS, 1998.

\_\_\_\_\_. “Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N. 41. ANPOCS, 1999.

THOMPSON, E. P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. In: Idem. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. “Folclore, antropologia e história social”. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

WEFFORT, Francisco. *Origens do Sindicalismo Populista no Brasil*. Cadernos Sebrap n 4. Abejun. São Paulo, 1973.